

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME II-III



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1960-61

sobre o mesmo problema que se debruçou, como se verifica por esta sua afirmação: «numa palavra quando estudamos, por miúdo, qualquer elemento tradicional da nossa sociedade, nos achamos constantemente em estreita *relação* com o passado, ainda mesmo o mais remoto» (3). Por isso a sua argumentação, contrariando a tese de Herculano, visa encontrar relações entre Portugal e esses povos do passado, o mesmo pretendendo o Prof. Manuel Heleno, que às ligações apontadas por Leite de Vasconcelos acrescentou várias outras, da maior importância e significado.

Daí o grande interesse para a arqueologia e para a história, de uma das conclusões a que chega o Dr. Artur Nobre de Gusmão, depois de bem fundada análise da escultura decorativa do românico do noroeste português: «A personalidade da herança romana na nossa escultura românica é forte e bem acusada. As notas que tomámos e os exemplares que colhemos deixaram-nos convencidos do vigor de esse legado. Mesmo a insistir-se no significado possível da menor intensidade da romanização nas zonas mais setentrionais da Península, mesmo que por aí se busque compreender o fenómeno das persistências do vocabulário artístico dos castros e das citânias, essa possível liberdade de determinação teria, de todo o modo, o seu correlato na apropriação indígena de tema e formas romanas. (... Proto-história, romanização, acordar do mundo nórdico são factores que plausivelmente deram muito ao processo de formação da sensibilidade que se exprimiu na escultura decorativa das nossas igrejas românicas» (4).

É pois mais um elo de ligação que se estabelece com esse passado remoto, é pois mais uma prova que se apresenta de que mergulham longe as raízes de Portugal e obtido num domínio no qual até agora nada se apontara. Isto mostra, pensamos, como este ensaio do Prof. Artur Nobre de Gusmão além de constituir notável estudo de história de arte, é também uma obra que ao problema histórico-arqueológico da génese de Portugal traz um contributo de inegável importância e interesse.

FERNANDO CASTELO-BRANCO

E. M. CLIFFORD, *Bagendon, a Belgic Oppidum (Excavations, 1954-56) with contributions by friends and colleagues*. Cambridge, W. Heffer and Sons, Ltd., 1961. XIX + 287 pp.. 71 figuras e 30 estampas.

A história do condado de Gloucester durante a Idade do Ferro e no período imediatamente subsequente à conquista da Bretanha pelos Romanos (43 d.C.) era, ainda não há muitos anos, pouco menos do que ignorada. As escavações de Mrs. Clifford em Bagendon, *oppidum* dos Dobunni, habitado de c. 20 d.C. a c. 60 d.C., e as

(3) *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, 1897, vol. 1, pág. XXVI.

(4) *Românico Português do Noroeste*, págs. 54 e 55.

de J. S. Wacher em Cirencester, cidade que substituiu o *oppidum* de c. 60 em diante (estas últimas ainda não publicadas) trazem um inestimável contributo para o conhecimento do condado naquele período.

Além de ter descoberto um *oppidum* aonde chegavam cerâmica arretina e vidros itálicos e do Próximo-Oriente, onde se cunhava moeda e se fundiam metais, numa área que, até agora, se julgava bárbara e sem relações políticas ou comerciais com os Romanos ou com a tribo tão progressiva dos Catuvellauni (no condado de Essex), Mrs. Clifford teve o mérito de levar outros arqueólogos a debruçarem-se sobre a Idade do Ferro no condado de Gloucester.

Na verdade, o título «A Idade do Ferro no condado de Gloucester» seria pelo menos tão adequado como «Bagendon, a Belgic Oppidum». Mrs. Aylwyn Cotton e o Professor Ch. Hawkes escreveram alguns capítulos sobre a Idade do Ferro naquela área; D. Allen colabora com um longo estudo sobre as moedas dos Dobunni; Mrs. E. C. Clifford, a autora das escavações, descreve a topografia e história do oppidum, bem como as sondagens que fez em 1954-56, ilustradas com plantas e cortes estratigráficos. Os achados são estudados por D. B. Harden (vidros), M. R. Hui (sigillata e fibulas), C. I. Fell (cerâmica comum) e F. A. Ruddock (aspecto técnico da indústria metalúrgica do *oppidum*), etc..

Mrs. Cotton e o Professor Ch. Hawkes definem e classificam as várias culturas da Idade do Ferro no condado de Gloucester, usando a terminologia proposta pelo último em «The ABC of the British Iron Age» (vid. a nossa recensão deste trabalho na *Revista de Guimarães*, vol. LXXII, pp. 251 e ss.). A cerâmica com decoração linear e a cerâmica estampada, atribuídas pela Dr.^a Kenyon a um mesmo grupo, caracterizam, como Mrs. Cotton agora demonstra, dois grupos distintos: Segundo-B Ocidental e Terceiro-B Ocidental.

Mrs. Cotton discute a origem deste último grupo, cuja cerâmica é estampada com motivos em S (além de outros), sem todavia chegar a nenhuma conclusão. A cerâmica estampada (stamped ou duck-stamped pottery) do grupo Terceiro-B Ocidental (introduzida na área do Severn por volta de 100 a.C.) é semelhante à cerâmica encontrada em vários castros portugueses, designadamente na cidade de Âncora (vid. A. Viana, «Cidade de Âncora», p. 265 do presente volume).

Segundo Leeds, em artigo publicado há muitos anos em *Archaeologia*, vol. 76 (1927), as feiras de SS representariam, muito degeneradas, feiras de patos que decoram cerâmica encontrada no Egeu, na Itália e no norte de Portugal. O mesmo autor observou que o motivo em S se encontra em Portugal e na Galiza, Bretanha e Cornualha, e sugeriu uma emigração, do noroeste peninsular para a Grã-Bretanha, de povos que iriam em busca de metais. Mrs. Hencken encontrou cerâmica do mesmo tipo em Bredon Hill, Gloucestershire, e a Dr.^a Kenyon em Sutton Walls, na margem direita do Severn. Aventou-se então a hipótese de esta cultura ter penetrado em Gloucestershire e Herefordshire vinda da Cornualha e subindo o canal de Bristol; mas Radford, no vol. XX dos *Proceedings of the Prehistoric Society*, sugeriu que, na realidade, o movimento deve ter sido inverso, isto é, que a primeira área colonizada pelos imigrantes deve ter sido exactamente o curso inferior do Severn.

Mrs. Cotton resume as investigações sobre a cerâmica estampada desde Leeds a Radford, e este seu capítulo tem de considerar-se leitura indispensável de quem

pretenda ocupar-se do problema das relações entre o noroeste peninsular e a Inglaterra nos séculos II-I a.C.; infelizmente, não se faz a mínima referência às escavações do Professor Ch. Hawkes e aos resultados a que este arqueólogo chegou; se é certo que o Prof. Hawkes ainda não publicou o relatório das suas escavações, não é menos verdade que, em várias conferências, tem comunicado as suas ideias sobre as pretensas relações entre o noroeste peninsular e a Grã-Bretanha. A cerâmica peninsular estampada com motivos em SS parece ter tido longa vida; em Cameixa, encontrou-se nos níveis I e II (este último parece ser anterior a 300 a.C.) e ainda no nível IV (romano; cf. Wheeler, *Hill-Forts of Northern France*, pp. 92-93); cronologicamente, portanto, não há obstáculo à hipótese de uma emigração do noroeste peninsular para a Grã-Bretanha, que poderia ter resultado da expedição de Décimo Júnio Bruto (137 a.C.).

Mrs. Cotton, porém, não se compromete em questão de solução tão difícil como a destas relações. Aliás, antes de mais, é necessário escavarmos mais extensamente os nossos castros e publicar convenientemente a cerâmica; depois, a investigação terá de incidir sobre três pontos: comparação da cerâmica, dos objectos de bronze e da planta dos castros. Leeds, que abriu o problema, comparou cerâmica e fibulas; Lady Fox, na comunicação que apresentou ao Colóquio de 1958 sobre *Problemas da Idade do Ferro no Sul da Grã-Bretanha* (Londres) comparou os castros do Sudoeste da Inglaterra com alguns exemplares da Península. Assim estes precedentes abriram o caminho que a nossa investigação deveria seguir.

Continuando os capítulos de Mrs. Cotton, o Professor Hawkes mostra como um grupo de Belgae (imigrantes vindos da Gália Belgica) se estabeleceu em Gloucestershire por volta de 25 a.C. (Terceiro-C Ocidental) e como este grupo (Dobunni), a pouco e pouco, foi dominando os povos do grupo Terceiro-B Ocidental; c. 20 d.C., estes Belgae estabeleceram capital em Bagendon, como o demonstraram as escavações de Mrs. Clifford, e já então haveria relações diplomáticas e económicas com os Catuvellauni (outro grupo de Belgae) de Camulodunum (hoje Colchester, em Essex). As moedas e cerâmica denunciam um movimento convergente dos Dobunni para leste e dos Catuvellauni para ocidente; mas, morto Cunobelinus (rei dos Catuvellauni) pouco antes de 43 d.C., seus filhos Caratacus e Togodumnus teriam, por inépcia diplomática e exigências demasiadas, feito com que Bodvoc, rei dos Dobunni, rompesse a aliança; e quando, nesse ano de 43 d.C., as tropas romanas de Claudio desembarcaram na Grã-Bretanha, Bodvoc teria colaborado com o invasor contra os Catuvellauni, enviando uma embaixada ao encontro do legado Aulus Plautius.

Tais acontecimentos, encadeados por Hawkes, resultam de uma interpretação inteligentíssima dos achados e de um passo muito discutido de Dio Cassius.

M. R. Hull, que estudou a sigillata e as fibulas descobertas em Bagendon, aproveitou o ensejo para sintetizar o que se conhece sobre a distribuição da cerâmica arretina na Inglaterra; entre a sigillata de Bagendon encontram-se fragmentos de vasos que são arretinos na forma mas cuja pasta não é nem a típica pasta de Arezzo nem a característica argila da cerâmica sudgálica, e o autor deixa em aberto a questão de saber se se trata de arretina tardia ou sudgálica inicial; aliás, cerâmica semelhante tem-se encontrado em outros lugares de Inglaterra.

O contributo de Mrs. Clifford consiste, fundamentalmente, no relatório das escavações de 1954-56, na descrição de alguns recintos protegidos com muralhas

de terra, no condado de Gloucester, e que, até agora, não têm prendido a atenção dos arqueólogos, e num quadro da vida material dos Dobunni. A autora foi sobretudo a descobridora e escavadora do lugar; arqueóloga-amadora, julgou-se incapaz de interpretar convenientemente os resultados da sua própria escavação, e, modestamente, solicitou a colaboração de alguns «amigos e colegas».

Bagendon merece ser escavado mais extensamente; e só a escavação futura, conjugada com a exploração de Cirencester, permitirá resolver o problema da data em que o oppidum foi abandonado. Hawkes sugere que a oppidum foi substituído pela cidade de Cirencester pouco tempo depois da Conquista, dada a ausência ou raridade de material posterior; mas o facto de Bodvoc, rei residente em Bagendon, ter sido tratado como aliado e de em Cirencester se ter estabelecido uma guarnição militar (C.I.L. VIII, 66 e 68) leva-nos a perguntar se a transferência da capital tribal de Bagendon para Cirencester se não terá efectivado apenas quando a guarnição foi transferida e o estatuto político dos Dobunni modificado. O estatuto dos Icenii só foi revisto depois da morte do rei Prasutugus, e o oppidum de Prae-Wood só desceu para Verulamium depois de este lugar ter sido abandonado pela guarnição que ali se estabeleceu logo após a Conquista.

J. ALARCÃO

PIERRE CINTAS, *Céramique Punique*. (Publications de l'Institut des Hautes Études de Tunis, vol. 111). Paris, Librairie C. Klincksieck, 1950. 1 vol., de 685 pp. com um Catálogo, contendo 1 Atlas de LXV estampas preenchidas por cerca de 608 desenhos, 3 tábuas de formas, 52 figuras no texto e LXVI-CII estampas relativas a vasos púnicos. Um «hors texte» com a fotografia de William Marçais, a quem o livro é dedicado.

Embora seja sobejamente conhecida pelos arqueólogos a obra de Pierre Cintas, cumpre-me salientar, nesta despretençiosa nota de leitura, algumas impressões colhidas através da consulta de «Céramique Punique», pois que, pelo seu conteúdo, marca uma etapa decisiva não só em relação à arqueologia púnica, mas a toda a investigação arqueológica. O Autor contribuiu assim, servindo-se de novos materiais de estudo, e dum método de trabalho apreciável, para um melhor conhecimento da civilização púnica. Sente-se, através desta obra, um rigor científico conduzido aos limites mais extremos da minúcia, especialmente quando se percorre, das páginas 41 a 328 o Catálogo das formas (consta de três partes: um quadro geral das proveniências dos vasos, e um atlas de formas apresentadas esquemáticamente), ou quando se examinam as notas relativas às densidades dos vasos (págs. 381-402) ou ao seu poder de absorção (págs. 403-405). Porém, o ideal científico de Pierre Cintas afirma-se mais nitidamente quando entra em contacto com as investigações